



Projeto, Pesquisa e Extensão na Pós-graduação
em Arquitetura e Urbanismo: Rumo à UIA2020Rio

pesquisa em projeto na
pós-graduação em arquitetura-urbanismo:
**INQUIETAÇÕES E PROPOSIÇÕES DE UM
ARQUITETO-PROFESSOR-PESQUISADOR**

Paulo A. Rheingantz

PROARQ

FAU-UFRJ

Programa de Pós-graduação em Arquitetura / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | UFRJ
Avenida Pedro Calmon, 550 salas 427-445 | Rio de Janeiro | 21.941-901 | 21 3938-0288

Reflexão crítica sobre a natureza, importância e especificidades do projeto no ensino e na pesquisa em A+U enquanto conhecimento sociotécnico situado e em ação nas cidades brasileiras na atualidade.

A partir de uma visão panorâmica construída com base em minha experiência como arquiteto, professor e pesquisador, inspirado em Edgar Morin e Boaventura de Souza Santos, apresento um breve panorama sobre a crise de valores e seus reflexos na universidade, na produção do conhecimento e na formação dos futuros profissionais de A+U.

A seguir, recorro a Vilanova Artigas, Richard Buchanan, Magali Sarfatti Larson, Stan Allen, Robert Gutman, Dana Cuff e Richard Sennett para propor **uma reflexão sobre a dificuldade de diálogo entre a prática e a produção de conhecimento em projeto em A+U e os métodos da ciência**; sobre os efeitos das transformações produzidas pelas novas tecnologias digitais e de informação na formação, na prática e no trabalho dos arquitetos-urbanistas, em um mundo cada vez mais ameaçado pelos problemas ambientais, pela concentração de riquezas, proliferação da miséria e pobreza.

Inspirado em Bruno Latour e Albena Yaneva, proponho alguns caminhos possíveis caminhos para que o ensino, a pesquisa e a extensão contribuam para a formação de profissionais, professores e pesquisadores de projeto de A+U habilitados para enfrentar os desafios e demandas relacionadas com a produção, uso e preservação do ambiente construído e natural.

COMPARTILHANDO INCÔMODOS

- Currículos e práticas das escolas descoladas do mundo real
- Descaso com os fundamentos mais básicos de pedagogia
- Currículos vazios de doutrinas e fragmentados
- Hierarquia entre disciplinas, departamentos, professores, escolas
- Impedimento de prática de projeto em contexto real [extensão]
- Descolamento das práticas profissionais [ensino e pesquisa]
- Inflexibilidade da carreira docente [DE X prática de projeto]
- Perfil profissional generalista [laissez faire]
- **Projetos individuais e locais em um mundo globalizado**

- Currículos e práticas das escolas descoladas do mundo real -
- Descaso com os fundamentos mais básicos de pedagogia – COMO É POSSÍVEL ACREDITAR QUE NOSSOS PROJETOS SEJAM EFETIVAMENTE PEDAGÓGICOS? Essa crença me lembra a frase de Einstein sobre INSANIDADE: REPETIR UM PROCEDIMENTOS ESPERANDO RESULTADOS DIFERENTES
- Currículos vazios de doutrinas e fragmentados – Gandin – 3 Marcos (DOCTRINAL, SITUACIONAL e OPERATIVO) só trabalhamos no terceiro
- Hierarquia entre disciplinas, departamentos, professores, escolas – Como lembra MAGALI LARSON (2015), HIERARQUIAS CLASSIFICAM CENTROS DE FORMAÇÃO, GERAM ‘TIRANOS’, POLÍTICAS EXCLUDENTES E AUTORITÁRIAS, DIFERENCIAM ACESSO AOS RECURSOS [CONCENTRAÇÃO]
- Impedimento de prática de projeto em contexto real – ATUAÇÃO CORPORATIVA DE CONSELHOS E ORGANIZAÇÕES DE CLASSE BLOQUEIAM ATUAÇÃO DAS

UNIVERSIDADES EM PROJETOS 'REAIS' NAS PERIFERIAS URBANAS DE UMA POPULAÇÃO QUE NÃO TEM ACESSO AOS SERVIÇOS PROFISSIONAIS DOS ARQUITETOS – enquanto isso, medicina, odontologia, psicologia, direito seguem com suas práticas em contextos reais.

- RESIDÊNCIA EM PROJETOS DE INTERESSE SOCIAL É UMA ESPERANÇOSA RUPTURA DESTE BLOQUEIO CORPORATIVISTA
- descolamento das práticas profissionais – NOSSOS ATELIES SEGUEM O MODELO ADAPTADO DA ÉCOLE DE BEAUX-ARTS DO SÉCULO XIX, IMITAM EM PARTE UM MODELO DE ESCRITÓRIO [QUE NÃO MAIS EXISTE], ENFATIZAM O TRABALHO INDIVIDUAL, E SE LIMITAM ÀS CRENÇAS E GOSTOS DE CADA PROFESSOR [COERENTE COM O PERFIL DIDO GENERALISTA)
- Inflexibilidade do regime de contratação de professores – PREVISÍVEL EXTINÇÃO DOS PROFESSORES QUE TB ATUAM EM PROJETO

Carta para a Educação dos Arquitetos UIA/UNESCO 1996

Nós, ARQUITETOS ... ACREDITAMOS que TUDO que tenha um impacto sobre a maneira em que o ambiente construído é planejado, projetado, fabricado, usado, equipado, configurado e mantido,
PERTENCE AO DOMÍNIO DA ARQUITETURA



Mas também é possível observar algumas perigosas recaídas delirantes com uma nova roupagem. Imagens da **Criação de Adão** (Michelangelo) representam meu entendimento sobre as CRENÇAS que nós arquitetos idealizamos e que têm dificultado a vida e tb a autocrítica dos professores, alunos e arquitetos-urbanistas. Diante dos problemas ambientais globais o DOMÍNIO DA ARQUITETURA não deve ser exclusivo dos arquitetos – DEMANDA CONHECIMENTOS TRANSFISCIPLINARES Texto da revisão das **Diretrizes Nacionais Curriculares** ajuda REFORÇAR ao RECOMENDAR

UMA SÓLIDA FORMAÇÃO GENERALISTA, QUE SUGERE UMA AUTOSIFICIÊNCIA INCOMPATÍVEL COM A ATUALIDADE MÚLTIPLA E DINÂMICA Recomendação tem alimentado projetos pedagógicos despidos de qualquer viés pedagógico que servem de máscara para esconder o marco doutrinal e situacional que poderia transformar a formação dos arquitetos-urbanistas das escolas públicas brasileiras do conservadorismo elitista e extemporâneo que segue atolado em um modelo de ateliê que cada vez se torna mais distante das práticas de projeto. Na maioria das escolas brasileiras, acredito que cada ateliê se constitui em um mundo à parte onde prevalecem as crenças [e as limitações] dos professores, e os temas, distantes do dia-a-dia e dos problemas das nossas cidades. São mundos paralelos que não conversam entre si ... Em função das limitações de tempo, não vou aprofundar essa discussão. A esperança de que a extensão, recentemente elevada a uma importância mais próxima da da pesquisa, poderia contribuir para reduzir o abismo entre a vida nas escolas e a na prática dos arquitetos, esbarra nas posturas corporativas de nossos conselhos e órgãos de classe que seguem bloqueando qualquer possibilidade de as escolas públicas atuarem profissionalmente no mundo real das periferias que proliferam descontroladamente. Esse é outro assunto que apenas me limitarei a mencionar, entendendo que Angela e demais

professores da UFBA envolvidos com a residência em arquitetura tem mais propriedade para tratar dele.

ENSINO + PESQUISA EM PROJETO EM A+U

[Inspirado em Humberto Maturana 2002]

A QUEM SERVE O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO DE NOSSAS ESCOLAS ?

SERVIR demanda um entendimento RELACIONAL:

NADA SERVE EM SI MESMO

O QUE QUEREMOS DO ENSINO+PESQUISA+EXTENSÃO EM A+U?

- NOSSO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO SERVE A QUAL BRASIL?
- O QUE QUEREMOS COM NOSSO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO?
- O QUE É ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM A+U?
- PARA QUE QUEREMOS ENSINAR, PESQUISAR E EXTENSIONAR?

A grande pergunta: **QUE PAÍS QUEREMOS?**



Em Para que serve a educação? Humberto Maturana alerta para um fato importante:

não se pode refletir sobre a educação sem refletir sobre uma questão fundamental em nosso viver cotidiano: em qual projeto de país estão inseridas nossas reflexões sobre a educação? em nossos projetos pedagógicos e ações em ensino, pesquisa e extensão, temos um projeto de país? A seguir comenta a existência de pelo menos dois projetos de país distintos [chile]: um no passado, outro no presente no passado alguns de nós estudamos para devolver ao país o que recebemos. Tratava-se de um projeto social com um propósito comum: devolver ao país o que estávamos recebendo dele; construir um país mais justo e democrático; melhorar o bem estar dos brasileiros hoje, os estudantes se encontram no dilema de escolher entre o que deles se pede - preparar-se para competir no mercado profissional – e o ímpeto de sua empatia social, que os leva a desejar mudar uma ordem político-cultural geradora de excessivas desigualdades, que trazem pobreza e sofrimento material e espiritual. A diferença que existe entre preparar-se para devolver ao país o que se recebeu dele e preparar-se para competir no mercado de trabalho é enorme. trata-se de dois mundos completamente distintos. Se antes existia coincidência entre propósito individual e propósito social, hoje ela não existe, porque, no momento em que uma pessoa se torna estudante para entrar na competição profissional, ela faz de sua vida estudantil um processo que se define pela negação do outro. sob o eufemismo do mercado da livre e sadia competição.

A COMPETIÇÃO NÃO É NEM PODE SER SADIA, PORQUE SE CONSTITUI NA NEGAÇÃO DO OUTRO. A COMPETIÇÃO SADIA NÃO EXISTE. Essas questões aparentemente banais e EXTERNAS À A+U são importantes para explicitar que: (1) Provavelmente existam múltiplos interesses e cenças envolvidos entre os presentes; (2) cf. (2001: 37-38), a “realidade” é uma proposição explicativa; que existem tantas realidades – todas diferentes mas igualmente legítimas – quantos domínios de coerências operacionais explicativas e domínios cognitivos pudermos trazer à mão. ... (3) se tenho uma discordância com outra pessoa, essa outra pessoa está num domínio de realidade diferente do meu, tão legítimo quanto o meu, que é diferente em função nos critérios de aceitação de explicações que usamos. É provável que muitas dificuldades na vida de professores e alunos pesquisadores-extensionistas em A+U resultem dessa perigosa generalização que oculta as diferenças, crenças e interesses que tendem a ser naturalizados e mascarados

Boaventura de Souza Santos: Crise e Desafios da Universidade



- Crise de hegemonia
- Crise de legitimidade
- Crise institucional

Edgar Morin:

Desafios da Universidade:

- Universidade da razão > Universidade do pensamento
- Reunir disciplinas > apreender “o que é tecido junto”
- Contextualizar e integrar conhecimentos

Seguindo com as questões relacionadas com nosso viver, “aparentemente externo à A+U, recorro a dois pensadores que respeito e admiro:

Boaventura Souza Santos (1998):

Crise de Hegemonia: conservar-se voltada p/investimento a longo prazo da pesquisa básica, científica e humanística X assumir responsabilidade social frente aos problemas do mundo e suas dicotomias: cultura de elite (alta) X cultura popular; educação X trabalho; teoria X prática

Crise Institucional: entre a autonomia na definição dos valores e dos objetivos institucionais X submissão crescente a critérios de eficácia/produktividade de origem empresarial

Edgar Morin (2000)

- Transformar a UNIVERSIDADE DA RAZÃO em UNIVERSIDADE DO PENSAMENTO
- REUNIR DISCIPLINAS > apreender “o que é tecido junto”;
- Contextualizar e integrar conhecimentos > qualidade dos humanos a ser desenvolvida

Ciência e Conhecimento

Boaventura de Souza Santos:

- A ciência é uma das tantas formas que nós humanos utilizamos para explicar nosso estar no mundo ...
- Ela não é, necessariamente, a melhor ou a mais certa.

Manoel de Barros:

- A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá, mas não pode medir seus encantos

Rubem Alves:

- A ciência nasceu da desconfiança dos sentidos
- Como as redes de pesca não se prestam para pescar todos os tipos de peixe – os peixes menores exigem redes com malhas mais finas – só o que é retido pela rede da confraria dos cientistas é considerado científico.

Humberto Maturana:

- Apesar das alegações de objetividade e independência, a ciência existe, se desenvolve expressa interesses/desejos/ambições/fantasia dos cientistas
- Alegações de objetividade e universalidade são afirmações morais
- A ciência e o treinamento dos cientistas não fornecem sabedoria.



Realidade é uma Proposição Explicativa

Humberto Maturana:



- Existem tantas realidades – todas diferentes mas igualmente legítimas – quantos domínios de coerências operacionais explicativas e domínios cognitivos pudermos trazer à mão
- Se tenho uma discordância com outra pessoa, essa outra pessoa está num domínio de realidade diferente do meu, tão legítimo quanto o meu, que é diferente em função nos critérios de aceitação de nossas explicações
- **Isso posto, é importante esclarecer que muito provavelmente muitas das dificuldades que se atravessam no caminho dos professores e alunos pesquisadores-extensionistas em A+U decorrem dessa perigosa generalização que oculta as diferenças, crenças e interesses que em geral não são devidamente explicitados**

- Aqui é importante esclarecer que muitas dificuldades das experiências de professores e alunos de projeto de A+U nas atividades de ensino e pesquisa resultam da naturalização de 'UMA ÚNICA REALIDADE' que oculta as diferenças, crenças e interesses, que não costumam ser devidamente explicitados
- Segundo Maturana (2001: 191), a realidade é uma proposição que usamos para explicar nossas experiências. Aqui é importante
- A utilizamos de modos diferentes, de acordo com nossas emoções. ... vivemos o "real" como a presença de nossa experiência. Eu vi ... eu ouvi ... eu toquei ...
- É por isso que afirma ser uma condição fundamental em nossa existência. Como sistemas determinados estruturalmente não poderemos distinguir, na própria experiência, entre o que chamamos de nossa percepção do viver cotidiano e ilusão.
- ... o que chamamos de real, ou seja, aquilo com relação ao qual as realidades virtuais são virtuais, são as experiências que usamos como a referência fundamental para nossa explicação das outras experiências que vivemos igualmente como reais no fluir de nosso viver, mas que queremos desvalorizar.

Finalmente, Projeto em A+U!

Vilanova Artigas



- **Arquitetura tem métodos próprios**
- **Combina MATERIALIDADE (AC) com ELEMENTOS HUMANOS**
- **Combina CIÊNCIA, TECNOLOGIA e SUBJETIVIDADE**
- **A partir nde dois ângulos distintos: MATERIALIDADES E QUALIDADES**

Richard Buchanan – projeto, problema endiabrado/indeterminado

- **Não tem qualquer assunto especial**
- **Tem 2 fases: definição do problema e solução do problema**
- Assunto potencialmente universal [aplicável a qualquer área conheç]
- Aplicação específica

NÃO EXISTE CIÊNCIA DO PARTICULAR

A entrada na discussão sobre as questões propostas para esta mesa – refletir sobre a natureza, importância e especificidades do projeto de A+U no ensino, na pesquisa e na extensão na pós-graduação em A+U rumo à UIA2020Rio, vou tentar apresentar, resumidamente, algumas questões que venho estudando mais recentemente, uma vez que meu tempo é curto:

Começo retomando um pensamento de Vilanova Artigas: **ARQUITETURA TEM MÉTODOS PRÓPRIOS** Com o esgotamento e a queda dos dogmas do movimento moderno, as escolas e escritórios se viram entre o “tudo vale” pós-moderno e um vazio de preceitos a seguir.

Cf, Yaneva (2009), Stan Allen (2012), Larson (2015) a Arquitetura se reconceitua como um tipo de prática baseada em texto, discursiva... nos anos 1990, as escolas americanas anunciavam sua qualificação com relação às **questões de significado, discurso e interpretação**, enquanto **questões de técnica e prática** eram cedidas aos arquitetos profissionais da prática” (Allen, 2012: 7, 8). Se consolida uma teoria crítica oculta com relação à cultura da edificação. (Allen 2012) Cf. Yaneva (2009), as interpretações discursivas isolam e desconectam a arquitetura e sua apreciação das outras práticas de projeto.

Diante da “queda” dos dogmas modernistas:

Arquitetura passa a ser reconceituada como um tipo de prática baseada em texto, discursiva, Escolas de Arquitetura qualificadas em questões de significado, discurso e interpretação Questões de técnica e prática, cedidas aos arquitetos profissionais da prática” (Allen, 2012).

Interpretações discursivas isolam a arquitetura e sua apreciação das práticas de projeto (Yaneva

2009)

Magali Sarfatti Larson (2015)

Como integrar Formação e Prática de Projeto?

Preocupação c/desastre ecológico futuro e urbanização global

- Atividades de projeto mudam p/prática interdisciplinar

Hierarquias de poder e prestígio

- Despadronizam o conhecimento profissional codificado e compartilhado
- Classificam centros de formação
- Diferenciam acesso às redes/capital social que fornecem

Reputação de obras de arquitetura e de seus criadores:

- se torna mais instável e mais disputada
- valor assinatura e reputação das estrelas arquitetura
- se sobrepõe ao da “arte”
- define um edifício como “não comum” e digno de atenção



Manutenção do discurso da arquitetura como arte:

- importante p/ficção de arquitetos-criadores individuais talentosos

Em **Formação e Prática na arquitetura do século XXI: uma perspectiva sociológica** **Socióloga**, publicado no livro **Quid Novi?**

organizado por Fernando Lara e Sonia Marques (2015), a socióloga **Magali Sarfatti Larson** reflete sobre mudanças radicais no ensino de arquitetura nos EUA [embora o reconhecimento e Stan Allen de que ele tem se globalizado no período de 1990-2010. Além de criticar as limitações e impropriedades do conceito de campo quando aplicado em arquitetura, a autora encontra em Bruno Latour (2008) possibilidades de reconfigurar os problemas da arquitetura seja na prática, seja no ensino. E me atrevo a acrescentar a pesquisa e a extensão.

Além de formular uma questão-chave para a formação e a prática da arquitetura atua,:

COMO O ENSINO FORMAL PODE SER INTEGRADO COM A PRÁTICA?

A autora recorre a autores como Stan Allen (2012), Dana Cuff (1991), Robert Gutman (1988) e Bruno Latour (2008) cujas contribuições pretendo trazer para essa fala, **se o tempo deixar ...**

Do texto da autora, extraí neste slide algumas questões que me parecem importantes de serem incluídas em nossa agenda futura de discussões e ações no ensino, na pesquisa e na extensão na pós-graduação em arquitetura.

A seguir vou fazer uma breve apresentação dos demais autores por ela citados e por mim estudados, a título de sugerir futuras mesas para discutir nossos desafios.

Textos importantes relacionados

Stan Allen (2012) *The Future That Is Now*

- Anos 1990 arquitetura se reconceitua como um tipo de prática discursiva
- Escolas se qualificam nas **questões de significado, discurso e interpretação**
- Escritórios herdam **questões de técnica e prática**

Anos 2000-2010 novas tecnologias digitais transformam projeto e construção

- doutorados abandonam abordagens históricas pela pesquisa colaborativa
- aproximação c/especialidades da engenharia
- aproximação c/prática multidisciplinar das grandes empresas de projeto
- da prática multidisciplinar p/risco desastre ecológico e urbanização global

Dana Cuff (1991) *Architecture: the history of practice*

- seguiu prática dos escritórios de San Francisco
- relações entre as firmas de arquitetura e seus clientes

Robert Gutman (1988) *Architectural Practice: a critical view*

- cultura arquitetônica se torna mercadoria
- crescimento demanda em arquitetura
- escritórios fortes em (1) ideias, (2) serviços, (3) entregas
- integrar aspirações dos arquitetos, exigências de clientes/construtores

Stan Allen (2012)

– Anos 1990 arquitetura se reconceitua como um tipo de prática baseada em texto, discursiva; escolas americanas anunciavam sua qualificação com relação às **questões de significado, discurso e interpretação**, enquanto **questões de técnica e prática** eram cedidas aos arquitetos profissionais da prática”; se consolida uma teoria crítica com relação à cultura da edificação (Allen, 2012: 7, 8)

- Anos 2000-2012 projeto e edificação se transformam pelas exigências e possibilidades das tecnologias digitais; abandono crescente pelo programas de doutorado das abordagens históricas e individualistas em prol da pesquisa colaborativa – o que tecnicamente se aproxima das especialidades da engenharia e da prática multidisciplinar das grandes empresas de projeto; sem falar das mudanças para uma prática verdadeiramente multidisciplinar decorrentes da inevitável preocupação com o risco de desastre ecológico e da urbanização global

Dana Guff (1991) – etnografia da prática dos escritórios de San Francisco e as relações entre as firmas de arquitetura e seus clientes

– atelier de projeto > núcleo do currículo das escolas americanas; escolas ainda seguem modelo século 19 da École des Beaux-Arts adaptado da antiga aprendiz; seus elementos constitutivos imitam o escritório de arquitetura: grande galpão como cenário, problemas de projeto e treinamento por um tutorial de arquitetura

Robert Gutman (1998) – se dedica ao estudo do desempenho dos arquitetos;

- 3 categorias: Escritórios fortes em ideias [em geral maus empregadores] Escritórios fortes em serviços [forte orientação comercial] e Escritórios fortes em entregas
- Desafios dos escritórios, decorrente de uma profissão cada vez mais desorganizada: (1) Resolver excesso de oferta de profissionais [ajustando oferta X demanda, tensões ensino X prática]; (2) Conceber filosofia consistente da prática representativa das aspirações dos arquitetos + exigências de clientes/construtores [motivação]; (3) Manter controle seguro no mercado de projeto

[organizar a prática]

Bruno Latour (2009)

Alguns Passos em direção à Filosofia do Projeto

5 vantagens do entendimento de projeto sobre ideia de criação:

1. não há nada fundacional
2. atenção ao detalhe, artesanato e habilidade
3. significado relacionado c/ferramentas, habilidades e ofícios de interpretação/análise da coisa ... quando consideradas bem ou mal projetadas, as muitas questões de interesse são reforçadas
4. Processo de projetar nunca começa a partir do zero
 - é sempre um processo de redesenhar
 - há sempre algo superficial em projeto,
 - algo clara e explicitamente transitório,
 - algo ligado a mudanças na moda e a gosto
5. Necessariamente envolve uma dimensão ética



Objetos que se transformam em matérias de interesse e entidades morais são a essência da política.

Em *Um Prometeus Cauteloso? Alguns Passos para uma Filosofia do Projeto (com especial atenção a Peter Sloterdijk)*, Latour inicia relembando o antigo significado da palavra projeto - o que os franceses chamam de "re-paginar", dar uma nova/melhor aparência/forma a alguma coisa. Alerta que pode soar um tanto desajeitada, dura/desprotegida quando pensada apenas em relação à sua função. Mas se for entendido como a ramificação de uma alternativa: **observe não apenas a função, mas também o projeto**. Dicotomia verdadeira mesmo quando o melhor projeto era o que melhor atendia à função (funcionalismo). 'Projeto' sempre oscilou entre seu 'não apenas ... mas também', dois caminhos não muito diferentes para compreender um objeto: (1) por sua materialidade intrínseca, (2) por seus aspectos mais estéticos ou 'simbólicos' (Latour 2008: 1-2). Observa ser uma interpretação muito pobre em relação ao atual significado de 'projeto', que se expandiu dos objetos de uso diário até cidades, paisagens, nações, culturas, corpos, gens e, como costuma argumentar, à natureza em si – com grande necessidade de ser re-projetada" (Latour 2008: 2). Atualmente, 'projetar' pode significar igualmente muitos verbos, tais como planejar, calcular, arranjar, ordenar, empacotar, definir, projetar, pensar. Justifica seu interesse em expandir o significado do termo projeto em compreensão e extensão; que o termo não se refere apenas a uma intimidade de conhecimento com a prática de projeto. Relaciona seu fascínio com a reivindicação de que **jamais fomos modernos**; que se verdadeira, por consequência, que esses 'assuntos de preocupação' observados a seguir tenham alguma lógica: (1) a divisão tipicamente moderna, que **se divide entre materialidade e projeto**, está gradualmente se dissolvendo; (2) para que mais objetos se tornem coisas – ou seja, mais as questões de fato se tornam assuntos de interesse. Se for verdade que a situação histórica atual é definida por uma completa desconexão entre duas grandes narrativas alternativas: uma de emancipação, distanciamento, modernização, progresso e maestria, outra completamente diferente, de acessório, precaução, entrelaçamento, dependência e cuidado. A palavra 'projeto' pode oferecer um interessante critério para detetar onde nos posicionamos e o modernismo (e também o posmodernismo) quão bem vem se saindo. Intencionalmente mais provocativo, Latour argumenta que projeto é um dos termos que substituíram a palavra 'revolução'! Dizer que tudo pode ser re-projetado (inclusive a natureza), implica algo como: 'ele nem foi revolucionado nem foi modernizado'. Para ele, a palavra projeto é um pequeno traço cuja expansão pode provar a profundidade daquilo que deixamos de acreditar: que fomos modernos. Quando mais pensamos em nós mesmos como projetistas, menos nos pensamos como modernizadores. É a partir desta posição filosófica e antropológica do projeto que Latour se dirige à audiência do evento de Cornwall. Na sequência, ele apresenta cinco vantagens do conceito de 'projeto' sobre a ideia de criação: uma contribuição importante de Latour para reintegrar o ensino-pesquisa-extensão da prática de projeto é seu reconhecimento de que projeto não é uma atividade solitária, conceitual; que por mais talento que tenha, o arquiteto tem de aprender a importância da colaboração, do trabalho multidisciplinar ou transdisciplinar desde o início. Para tanto, os ateliês, pesquisas e projetos de extensão de projeto precisam convocar uma "fauna" de professores, alunos e dispositivos tecnológicos originária de múltiplas áreas do conhecimento". A exemplo do que vem acontecendo com os grandes escritórios e empresas de projeto, não faz mais sentido um ateliê exclusivamente povoado por arquitetos, futuros arquitetos, pranchetas computadores, material de desenho (cada vez mais raros) e folhas de papel; muito menos limitar o ateliê a simples salas.

Albena Yaneva (2009)

Uma Etnografia do Projeto de A+U



Objetivo:

- Oferecer uma visão interna do escritório de arquitetura para ver e recontar os diversos agregados que a arquitetura une

A alternativa a uma abordagem inspirada na teoria crítica pressupõe

- Re-estabelecer conexões que divulguem pragmaticamente
- O modo como esses projetos funcionam e
- O modo como eles ganham significado na experiência do projeto

Para entender a natureza do projeto do OMA

- Não me refiro às estruturas mais amplas do Surrealismo ou do Movimento Moderno
 - Nem evoco contextos culturais e sociais abrangentes fora da arquitetura
- Prefiro oferecer uma visão interna do escritório para ver e recontar os diversos agregados que a arquitetura une.

OMA > local de conexão semelhante a uma estrela, um local onde o global, os valores universais, os contextos e as culturas são reunidos

UM LOCAL QUE MUITO POUCO PODE SER VISTO, MAS QUE MESMO ASSIM PODE SER BEM VISTO!

Cf. Yaneva (2009), as interpretações discursivas isolam e desconectam a arquitetura e sua apreciação das outras práticas de projeto. Sua ambição é diferente. Seu objetivo não é se engajar em outra interpretação teórica da arquitetura, muito menos argumentar que as condições sociais ou percepções culturais são relevantes para a percepção e interpretação [p.23] da arquitetura de Koolhaas. O comum nas interpretações dos edifícios e conceitos urbanos produzidos pelo OMA isola a arquitetura e sua apreciação, colocando-a em um reino próprio, desconectada de outras práticas, da ação projetual, geralmente surgindo devido a condições extremas. O problema dessas interpretações críticas inspiradas na teoria é que elas começam compartimentando os trabalhos de projeto em um nicho à parte, tratando-os como espirituais, simbólicos, significativos, mas fora de contato com os objetos da experiência em projeto. Essas teorias da arquitetura apontam para a especificidade de um trabalho de design no contexto cultural do criador da sociedade para a qual ele está projetando.

Eles permanecem estéreis, a menos que nos conscientizem do que procurar em trabalhos de projeto concretos, a não ser que nos sugiram as condições sob as quais um trabalho de projeto seja o refinamento de um conjunto de matérias-primas brutas em um valioso edifício em potencial. A alternativa para uma abordagem inspirada na teoria crítica é re-estabelecer as conexões que divulgam, de maneira pragmática, a maneira pela qual esses projetos funcionam e o modo como eles ganham significado na experiência em projeto. Assim, para entender a natureza do projeto arquitetônico na OMA, não me refiro às estruturas mais amplas do surrealismo ou do movimento modernista, nem evoco contextos culturais e sociais abrangentes fora da arquitetura. Prefiro oferecer uma visão interna do escritório de arquitetura para ver e recontar os diversos agregados que a arquitetura une. O OMA aparece nesta pequena etnografia [p.24] aqui apresentada como um local de conexão semelhante a uma estrela, um local onde o global, os valores universais, os contextos e as culturas são reunidos e remontados, um local em que muito pouco pode ser visto, mas mesmo assim pode ser bem visto.

Albena Yaneva (2009)

Uma Etnografia do Projeto de A+U



Projetar é uma experiência trivial e mundana

- Abordá-la ou entender seu significado demanda cuidado e respeito
- Não existem explicações nem escalas prévias
- Não depende de reconhecer ou associá-la a um quadro conceitual

Para entendê-la é preciso abordá-la com cuidado e respeito

- Não existem explicações prévias nem estabelecer escalas
- Não é necessário reconhecer um quadro conceitual
- Basta devotar atenção etnográfica para o que significa projetar
- Atentar para os muitos arranjos dos quais emerge a criatividade
- Oferecer uma visão interna do escritório
- Que possibilite ver e recontar os diversos agregados que a arquitetura associa/reúne

No livro *Made by the Office for Metropolitan Architecture: an ethnography of design* (2009), Albena Yaneva, professora de Teoria da Arquitetura da Universidade de Manchester e Professor Visitante da Descola de Arquitetura de Princeton e da Escola de Design Parsons, PhD em Sociologia e Antropologia na Ecole de Mines Paris (2001), também trabalhou na Universidade de Harvard, no Instituto Max-Planck de História da Ciência (Berlim) e na Academia Austríaca de Ciência, fez uma imersão de 2 anos no OMA em Amsterdã, onde cartografou os processos de produção de projetos.

Meu objetivo não é me engajar em outra interpretação teórica da arquitetura, muito menos argumentar que as condições sociais ou percepções culturais são relevantes para a percepção e interpretação da arquitetura [de Koolhaas].

O comum nas interpretações dos edifícios e conceitos urbanos produzidos [pelo OMA] isola a arquitetura e sua apreciação, colocando-a em um reino próprio, desconectada de outras práticas, da ação projetual, geralmente surgindo devido a condições extremas.

O problema dessas interpretações críticas inspiradas na teoria é que elas começam compartimentando os trabalhos de projeto em um nicho à parte, tratando-os como espirituais, simbólicos, significativos, mas fora de contato com os objetos da experiência em design.

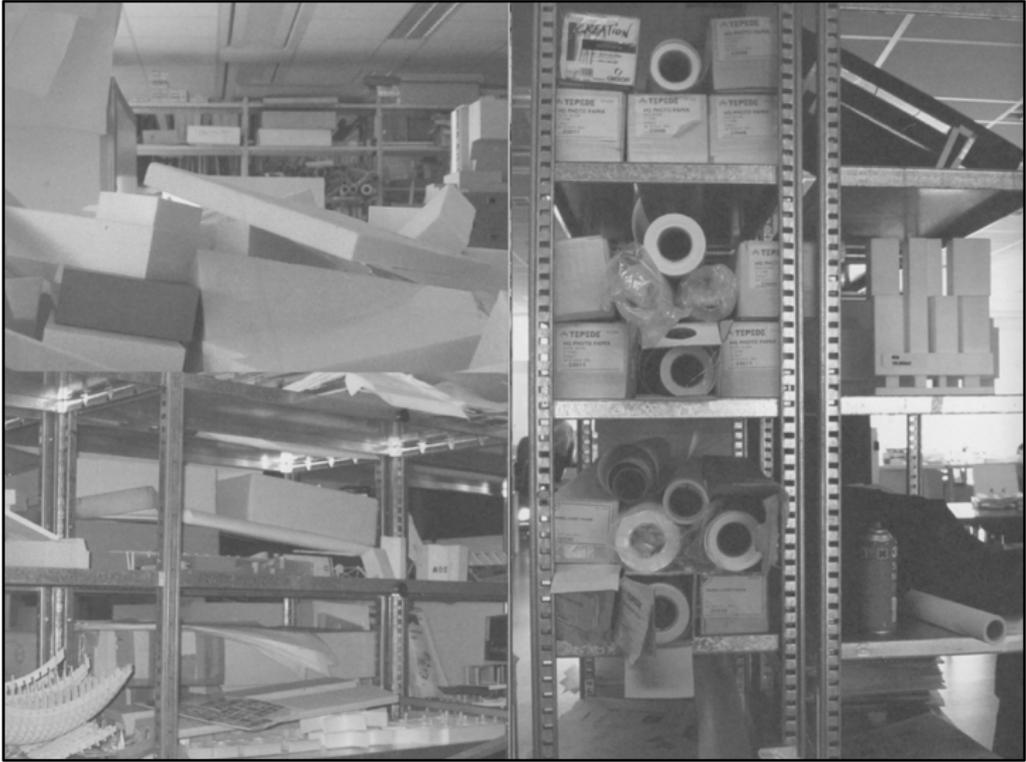
O principal pressuposto da teoria crítica é que a arquitetura pode ser inserida e compreendida em amplas abordagens da produção cultural. Portanto, para transpor o significado e a relevância da arquitetura, os estudos críticos consideram necessário posicioná-la como sujeito histórico em vários contextos a fim de poder delinear suas dimensões econômicas, sociais e políticas, mostrar sua escala de produção e seu uso público (Tafuri 1979; Ockman 1985).

Tomando emprestados conceitos da sociologia crítica de Pierre Bourdieu, da abordagem desconstrutivista de Jacques Derrida, ou da arqueologia de Michel Foucault, a teoria arquitetônica assume que sua maior operação consiste em desvendar mecanismos ocultos, restrições ou representações, princípios e forças por trás dos objetos arquitetônicos [p.22], projetos e desenvolvimentos urbanos. Contudo, ao sugerir um exterior teórico a partir do qual as interpretações convencionais poderiam ser contestadas, a teoria crítica se baseou na suposição principal de que existe um "contexto social", no qual as atividades arquitetônicas e urbanas ocorrem, que pode explicar

seu significado e relevância.



A seguir, apresento algumas imagens pouco glamorosas do escritório OMA, que retratam com bastante propriedade os efeitos do processo de projeto, com inúmeras estantes com arquivos, modelos, material para elaborar maquetes, etc.





Referências

- ALLEN, S. (2012) *The Future That Is Now - Architecture education in North America over two decades of rapid social and technological change*. <https://placesjournal.org/article/the-future-that-is-now?cn-reloaded=1>
- ALVES, R. (1984) *Estórias de Quem Gosta de Ensinar*. São Paulo: Cortez Editora
- ARTIGAS, J. B. V. (1981) *Caminhos da arquitetura*. São Paulo: LECH
- BARROS, M. de (1996) *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record
- BLAU, J. (1984) *Architects and firms*. Cambridge: MIT Press
- BUCHANAN, R. (1992) *Wicked Problems in Design Thinking*. *Design Issues*, v8, n2, p. 5-21
- CUFF, D. (1991) *Architecture: the story of practice*. Cambridge: MIT Press
- GUTMAN, R. (1988) *architectural Practice: a critical view*. Princeton: Princeton Architectural Press
- LARA, F.; MARQUES, S. [orgs] (2015) *Quid Novi?* Austin: namerica
- LATOUR, B. (2008) *A Cautious Prometheus? A Few Steps Toward a Philosophy of Design*. <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/112-DESIGN-CORNWALL-GB.pdf>
- LAWSON, B. (2011) *Como Arquitetos e designers pensam*. São Paulo: Oficina de Textos
- MATURANA, H. (2002) *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora da UFMG
- MORIN, E. (2000) *Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. São Paulo: Bertrand Brasil
- SANTOS, B. S. (1997) *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora
- TULKU, T. (1997) *Conhecimento da liberdade: tempo de mudança*. São Paulo: Inst. Nyngma do Brasil
- VYGOTSKY, L. (1996) *A formação social da mente*. São Paulo: Matrins Fontes.
- YANEVA, A. (2009) *Made by the Office for Metropolitan Architecture*. Roterdã: 010 Publishers.
- Outras referências importantes não exploradas nesta apresentação:
- KRISTA SYKES, A. [org] (2013) *O campo ampliado da arquitetura*. São Paulo: Cosac Naif
- ROWE, P. (1998) *Design Thinking*. Cambridge: MIT Press.
- SALAMA, A. (2015) *Spatial Design Education*. Ashgate: Surrey (En)/Burlington (USA)
- SAUNDERS, W. [edit] (1996) *Reflections on Architectural Practices in the Nineties*. N. York: Princeton Press.
- SCHÖN, D. (2000) *Educando o Profissional reflexivo*. Porto Alegre: Artmed
- SPILLERS, W. [edit] (1974) *Basic Questions of Design Theory*. Amsterdam: North-Holland/Elsevier: N. York

